desleituras
Número 4
maio/jun. 2022

OS LIVROS NAS FOGUEIRAS DOS NOVOS INQUISIDORES

Roberto D'arte

Desde que foram criados pelos sumérios há mais de 5 mil anos, os livros sempre aterrorizaram os ocupantes do topo de quaisquer formas de poder. Neles estiveram e continuam sendo guardados os sonhos, as ideias, os projetos e as ações da humanidade em todas as vertentes possíveis, sejam eles libertadores e instigantes para as transformações positivas do mundo e do próprio ser humano, sejam eles os caminhos opostos da destruição e da opressão.



Cena de *O Nome da Rosa*, filme baseado na obra de Umberto Eco

Vivemos no Brasil, neste difícil ano da pandemia do coronavírus, mais um ataque aos livros por parte do Governo Federal, que propõe taxações a um produto que deveria ter todas as subvenções possíveis para que pudesse chegar de forma ampla e contínua nas mãos de um povo que já lê pouco. Para as mentes mais atentas, fica claro que esta medida pouco tem a ver com qualquer tipo de salvação da economia que o discurso do seu proponente possa sugerir. Mandatários de ideias obscuras e retrógradas sempre veem nos livros inimigos em potencial.

Como estamos numa coluna sobre cinema com pitadas filosóficas, como sugere o próprio nome CINÉ**FILO**, os aspectos introdutórios desta crônica não nos levarão ao atual cenário político do Brasil. Eles sugerem tão-somente que o medo dos livros acompanha a história da humanidade e continua vivo em pleno século 21.

O foco cinematográfico envolvendo os livros nos remete a um livro fantástico que virou um "filmaço", que, por sua vez, inspirou uma ótima série com o mesmo título. O romance *O Nome da Rosa*, do escritor italiano Umberto Eco (1932-2016), foi lançado em 1980, tornando-se rapidamente um estrondoso sucesso editorial no mundo todo. A adaptação para o cinema, lançada em 1986 sob direção do francês Jean-Jacques Annaud e tendo no elenco principal Sean Connery, Christian Slater e Elya Baskin, foi outro megassucesso de público e crítica. Após 36 anos, a obra ganhou em 2020 a sua adaptação para série de TV, em oito capítulos, dirigida por Giacomo Battiato e exibida pela plataforma digital Starzplay.

Eu, que transitei pelos três caminhos que levam a essa história policial medieval impregnada de suspense e suges-

tões sobrenaturais, recomendo como uma das obras que marcaram a minha vida. Quando estou lecionando Filosofia da Idade Média é impossível não me lembrar de *O Nome da Rosa* como uma ilustração precisa do poder da Igreja Católica também através do domínio dos livros.

O pensamento medieval, que submeteu aos meandros da fé a milenar razão filosófica nascida na Grécia, envolveu profundamente a visão de mundo que até hoje submete bilhões de pessoas aos seus caprichos. Na história de Humberto Eco, que se passa no início do século 14, um mosteiro que guarda uma das bibliotecas mais cobiçadas da cristandade se torna palco de mortes atribuídas à presença do diabo.

Entra em cena o monge-investigador Guilherme de Baskerville (uma atuação impecável de Sean Connery no filme!), um estudioso da obra do filósofo Aristóteles que acredita que as mortes naquela casa de Deus têm mãos humanas e explicações lógicas. Numa investigação de dar inveja a qualquer CSI contemporâneo, o monge católico vai mergulhando numa intrincada teia que envolve justamente um livro.

O Nome da Rosa (título inspirador explicado na obra) é um claro aviso de que os pensamentos e sentimentos medievais sobreviveram ao tempo e habitam entre nós cinco séculos depois do seu declínio ante o mundo moderno regido pela razão, pela ciência e pelo antropocentrismo. Quando eles encontram abrigo em governos e sociedades calcados nos extremismos da fé e da moral milenar, os livros passam a ser alvos das fogueiras dos novos inquisidores.